



RESISTÊNCIAS INVENTIVAS EM GÊNERO E SEXUALIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR: (RE)MEMÓRIAS DA FORMAÇÃO DOCENTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA.

***Eixo Temático: EIXO 15- GÊNERO E SEXUALIDADES NO
CONTEXTO ESCOLAR COMO RESISTÊNCIAS INVENTIVAS: O
QUE PODE O “CHÃO DA ESCOLA”? / AXIS 15 GENDER AND
SEXUALITIES IN THE SCHOOL CONTEXT AS INVENTIVE
RESISTANCES: WHAT CAN THE "SCHOOL GROUND"***

Maria José do Nascimento ¹

Nelson Carneiro Júnior ²

Edna Maria de Jesus ³

Mariana do Vale Moura ⁴

Isadora Costa Mendes ⁵

Yara Fonseca de Oliveira e Silva ⁶

RESUMO

Este artigo analisa a formação docente em Educação Sexual na Rede Municipal de Goiânia (1990-2000), buscando compreender as transformações nas práticas pedagógicas sobre gênero, corpo e sexualidade. A pesquisa (GPEFORP-CNPq/UEG) investiga memórias docentes, discursividades e materiais didáticos, utilizando autores como Benjamin (1994, 2011) e Foucault (2010, 2007). As análises revelam uma formação

¹Mestre em Educação Pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUC/GO, nmariaj@gmail.com

² Doutorando em Educação da Universidade Federal de Goiás – UFG nelsoncjunior@yahoo.com.br

³ Doutora em Educação – Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUC / GO
ednamariajesus20@gmail.com

⁴ Doutora em Educação -Universidade Federal de Goiás- UFG nanavmoura@gmail.com

⁵ Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologia-UEG- isadoracostaprof@gmail.com

⁶ Professor orientador: Professor orientador: Doutora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT – UEG - GO),
yara.silva@ueg.br



inicial com viés biologicista, saneador e normatizador da sexualidade. Temas como prazer, desejo e diversidade sexual mesmo dentro de uma perspectiva binária, foram incluídos nas escolas à época, resultando em novos saberes e práticas de resistências.

Palavras-chave: Formação docente, sexualidades, gênero, práticas de resistência.

INTRODUÇÃO

A temática da sexualidade no contexto escolar ganhou destaque no Brasil nas décadas de 1980 e 1990, impulsionada por um cenário complexo que incluía o aumento da gravidez na adolescência, a proliferação das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e, principalmente, a epidemia de HIV/AIDS. Esse contexto demandou uma série de investimentos e iniciativas do governo federal voltadas à saúde sexual, mobilizando profissionais da educação, saúde e a sociedade civil organizada (ONGs). A escola, então, foi instituída como espaço para disseminar medidas profiláticas e regular os corpos, em meio a disputas políticas, econômicas, religiosas e sociais. A urgência em controlar o HIV, que afetava diversas classes, etnias, orientações sexuais e gerações, legitimou a medicalização e o controle da sexualidade, tornando-a objeto de intervenção médica e política, além das áreas da sexologia, psiquiatria, psicologia e pedagogia.

Em Goiânia, a Rede Municipal de Educação (RME/GO) também se mobilizou na década de 1990 para inserir a discussão sobre sexualidade no ambiente escolar, implementando ações como ciclos de palestras e cursos de formação para docentes. Contudo, relatos de professoras/es que participaram desse processo revelam diferentes perspectivas sobre as motivações para a inclusão do tema.

Considerando a complexidade desse panorama e as contribuições de pesquisas como a de Nascimento (2013), Nicolino (2013, 2014) este estudo se propõe a analisar os discursos sobre sexualidade que permearam o processo de formação de professoras/es da RME/GO na última década do século XX. O objetivo central foi descrever as memórias desses/as docentes, buscando identificar quais discursos foram considerados “verdadeiros” sobre sexualidade naquele momento histórico. A recuperação dessas memórias é fundamental para compreender as motivações e os interesses que impulsionaram a discussão sobre sexualidade nas escolas municipais de Goiânia, bem como os conflitos que marcaram esse debate e as singularidades desse processo.



METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, este estudo utilizou uma abordagem qualitativa, com ênfase na história oral e na análise das narrativas. A coleta de dados foi realizada por meio da análise dos relatos de grupos focais com oito docentes que atuaram na coordenação das propostas em Educação Sexual entre 1990 e 2000 na RME/GO. As narrativas foram gravadas, transcritas e analisadas à luz dos conceitos de Walter Benjamin (1994, 2011), se baseou no conceito de “história aberta”, buscando dar voz aos/as docentes que auxiliaram no resgate das memórias, testemunharam e reescreveram histórias já silenciadas e este estudo utiliza ferramentas de análise das práticas discursivas de Michel Foucault (2010) e de documentos docentes como monografias, cadernos, folhetos, dissertações, livros e agendas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo se ancora nos estudos de Walter Benjamin (1994, 2011), que oferece subsídios para o resgate da memória e a reescrita da história, e de Michel Foucault (2010), que contribui para a análise dos discursos e das relações de poder e saber que os constituem. Além disso, a pesquisa dialoga com autores como Altmann (2001, 2007), Nascimento (2013) e Nicolino (2013) que abordam a temática da sexualidade, gênero, corpo, educação sexual e das políticas públicas no Brasil. A perspectiva discursiva adotada compreende o discurso como um conjunto de saberes articulados (EDGARDO, 2009), buscando analisar as condições em que a função discursiva se exerce, os diferentes domínios que ela abrange e suas articulações (FOUCAULT, 2007)

O referencial teórico deste estudo aborda a temática da sexualidade, gênero, corpo, educação sexual e das políticas públicas no Brasil. se ancora nos estudos de Walter Benjamin (1994, 2011), que oferece subsídios para o resgate da memória e a reescrita da história, e de Michel Foucault (2010), que contribui para a análise dos discursos e das relações de poder e saber que os constituem. A pesquisa dialoga, também, com os estudos



das autoras Nascimento (2013) e Nicolino (2013). A perspectiva discursiva adotada compreende o discurso como um conjunto de saberes articulados (EDGARDO, 2009), buscando analisar as condições em que a função discursiva se exerce, os diferentes domínios que ela abrange e suas articulações (FOUCAULT, 2007)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa revelam que nos anos 1990, a Educação Sexual, impulsionada por organismos internacionais e pelo Estado, focou na contenção de ISTs/AIDS e gravidez na adolescência. O discurso biologicista, com forte investimento da saúde, privilegiou o corpo como único marcador científico, legitimando discursos da saúde e desvalorizando outros saberes, como os das ciências humanas e sociais e as vivências docentes.

A busca individual por formação docente em educação sexual, impulsionada pela insatisfação com os limites dos investimentos estatais e do discurso “autorizado”, foi uma marca do período. Os programas representaram o divisor de águas, ao incentivar parcerias e reconhecer discursos que extrapolavam as perspectivas higienistas, inaugurando os estudos de gênero na rede.

A afirmação da professora T: “*Não. Gênero vem depois. Com o amadurecimento*” demonstra que a temática ganhou espaço a partir de estudos com as parcerias (Nascimento, 2013, p.69). Tal constatação é corroborada pelos depoimentos das Professoras ML e MA, também presentes na página 69 da obra de Nascimento (2013). A Professora ML destaca a “*coisa retraída, principalmente da mulher*”, que, seguindo a cultura das décadas de 1950 a 1980, era privada de conhecimento sobre sua própria sexualidade e destinada a “*servir ao marido*”. A Professora MA complementa, enfatizando a conveniência da ignorância feminina para a manutenção de um “*estado paternalista, patriarcal*”, no qual a mulher era vista como alguém que “*precisava ser cuidada(...)*”. Esses relatos ilustram a forte influência do contexto social e cultural da época sobretudo na percepção e vivência da sexualidade feminina, e como essa problemática impulsionou a necessidade de abordar a questão de gênero nos debates.



Segundo a autora, os programas formativos adotavam uma perspectiva transversal, abrangendo comportamentos e relações humanas. O material do GTPOS (1995, p. 92) explorava essa articulação em face aos valores e preconceitos que permeiam esse campo discursivo, os/as docentes buscavam subsídios teóricos para o debate sobre papéis sexuais, diferenças comportamentais e os conceitos que permeavam os conhecimentos sobre gênero, corpo e sexualidade.

As professoras ML e T relatam a preocupação com comportamentos masculinos e a desvalorização feminina:

- A gente já tinha dentro da nossa atividade pedagógica essa preocupação, não só das meninas, mas também o comportamento dos meninos. Os meninos muito ligados a questão das drogas, a questão da violência e a questão da marginalidade. (...) (Professora ML).
- Esse debate levou a outros como a paternidade responsável. A visão de gênero não é só na perspectiva feminina como a responsável pela gravidez. (Professora T).

Essas narrativas revelam a influência das instâncias sociais no cotidiano e nos processos de poder e verdade que definem as relações de dominação e sujeição entre os sexos, conforme a análise de Michel Foucault (2007). Ao problematizar essas “verdades absolutas”, possibilita desconstruir os discursos hegemônicos, como o binarismo homem/mulher. O documento “Programa Educação Sexual histórico (2000)” ilustra essa dinâmica, apresentando cinco blocos temáticos com discursividade biológica e patológica da sexualidade, além de sete blocos sobre gênero, ainda que sob perspectiva binária, abrangendo da infância à terceira idade, e com destaque para a contenção através de temas como gravidez na adolescência, aborto e contraceptivos.

Nascimento (2013) demonstra como os/as docentes, apesar das contradições entre o cuidado com o corpo e a normatização, construíram um duradouro experimento pedagógico, dando voz aos/às estudantes. A narrativa da Professora ML exemplifica essa dinâmica:

- Durante uma aula de educação sexual em que faltou energia, os alunos pediram para que a aula continuasse no escuro: “_ os alunos disseram: Deixa a professora falar. Edu disse:- Não pode deixar a roda. A roda vai falando, vai falando. E , no escuro...(...) continuaram a aula. No escuro. Eu dizia: - Pode deixar a roda falar. No escuro (...) ninguém queria sair da sala. Isso é uma questão de postura e de ética. (Nascimento,2013, p. 72)



A narrativa ilustra o engajamento de estudantes e docentes com a temática, impulsionando a busca por formação além dos limites estatais e do discurso “autorizado”. As parcerias da década marcaram a resistência inventiva no contexto escolar, inaugurando estudos sobre gênero, corpo e sexualidade e reconhecendo discursos além do biologicismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da resistência de algumas “vozes” e da importância das iniciativas individuais de formação continuada, a RME/GO não promove ações e propostas sistematizadas para tratar as questões que envolvem a sexualidade nas escolas municipais de Goiânia. (Nicolino, 2013). As intervenções pedagógicas foram pontuais e decorrentes de esforços pessoais. A falta de registros oficiais das propostas em Educação Sexual da SME/GO revela um descaso por parte do governo municipal em relação ao arquivamento, controle e manutenção de documentos que preservam a história dos processos de formação docente sobre o tema.

A ausência de um trabalho sistematizado em Educação Sexual na RME/GO demonstra a necessidade de políticas públicas que garantam a formação continuada de docentes e o desenvolvimento de ações efetivas para abordar as temáticas gênero, corpo e sexualidade no contexto escolar.

Este estudo, por meio deste recorte, demonstra que é possível resgatar memórias silenciadas e contribuir para a compreensão da história da educação sexual em Goiânia, sobretudo nos temas: gênero, corpo e sexualidades, encejando que a continuidade desta pesquisa possa contribuir para o retiro dessa história que se encontra inacabada.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. p. 287-310. dez. de 2007.



BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paul Rouanet. 7ed, São Paulo: Brasiliense, 2011. (Obras Escolhidas; v.1).

_____. O narrador. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paul Rouanet. 7ed, São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v.1)

EDGARDO, Castro. Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 20 ed. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber, 2005.

GOIÁS. Secretaria Municipal de Educação de Goiânia - Programa de Educação Sexual: histórico. Goiânia-GO, 2000.

GTPOS. Sexo se aprende na escola. São Paulo: Olho D'água, 1995.

_____. ABIA, ECOS. Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º. Grau. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NASCIMENTO, Maria José do. Formação docente e educação sexual: (re)memórias das propostas da rede municipal de ensino de Goiânia/GO (1990 a 2000). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC, Goiânia, 2013.

NICOLINO, Aline et al. Educação sexual e políticas públicas: limites e possibilidades das secretarias. In: NICOLINO, Aline; LEITE, Jaciara de Oliveira; WANDERLEY, Lara (Orgas.). Educação Sexual em Goiás. Goiânia: Editora PUC, 2013.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro. Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

